

**LITERATURA,
DRAMATIZAÇÃO E
PROTAGONISMO INFANTIL
NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
REFLEXÕES SOBRE
DIVERSIDADE E QUESTÕES
ÉTNICO-RACIAIS A PARTIR
DE ROMEU E JULIETA, DE
RUTH ROCHA**

LITERATURE, DRAMATIZATION, AND CHILDREN'S PROTAGONISM IN
EARLY CHILDHOOD EDUCATION: REFLECTIONS ON DIVERSITY AND
ETHNIC-RACIAL ISSUES BASED ON ROMEO AND JULIET, BY RUTH ROCHA

Ciências Humanas • 06/06/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/780721341](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/780721341)

Bárbara Valente da Cunha¹

RESUMO

Este artigo configura-se em um relato de experiência ocorrido no ano de 2019 em uma unidade de Educação Infantil do município de Niterói no desenvolvimento do projeto pedagógico intitulado “*O fantástico mundo da literatura infantil*”. A literatura para infância da autora Ruth Rocha “Romeu e Julieta” conduziu as propostas educativas e produção de um espetáculo teatral protagonizado pela diversidade étnico-cultural e afetos. As conexões da experiência com os autores, conceitos e pesquisas debatidos na disciplina “Tópicos especiais em tecnologias digitais e inclusão”, do curso de Mestrado profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação (UniCarioca), fundamentaram a escrita, fomentando a dialética teoria-prática, iluminam as reflexões sobre os objetivos e resultados e a análise dos documentos escolares produzidos a época resgatam as memórias individuais e coletivas.

Palavras-chave: inclusão; afetos; literatura infantil; infâncias negras; representatividade.

ABSTRACT

This article is an account of an experience that took place in 2019 at an Early Childhood Education unit in the municipality of Niterói, during the development of the pedagogical project entitled "The Fantastic World of Children's Literature." The children's literature of the author Ruth Rocha, "Romeo and Juliet," guided the educational proposals and the production of a theatrical performance featuring ethnic-cultural diversity and affections. The connections of the experience with the authors, concepts, and research discussed in the discipline "Special Topics in Digital Technologies and Inclusion," of the Professional Master's course in New Digital Technologies in Education (UniCarioca), grounded the writing, fostering the theory-practice dialectic, illuminating reflections on the objectives and

results, and the analysis of school documents produced at the time recovers individual and collective memories.

Keywords: inclusion; affections; children's literature; Black childhoods; representativeness.

INTRODUÇÃO

“Esse artigo fala sobre experiência.

Fala sobre afetos, encontros, inclusão, diversidade, empatia.

Criança, infância, educação.

Fala sobre incompletude...

Ser educador e aprendiz.

Fala sobre tessituras, projeto partilhado.

Birregêcia, ações colaborativas, significativas.

Fala sobre amizade, cores, amores, criatividade!

Poesias e poetas, autores de suas histórias.

Letramento, descobertas.

Fala de literatura para infância que fomenta debates e sensibilização.

Não de uma história única.

Fala de um clássico, de uma inspiração, de uma adaptação.

Fala de delicadezas, de encantamento, de emoção.

Fala de 2019, de visitar registros e acessar memórias.

Sobre o poder das palavras, de pensamentos por palavras.

Estreia, dramatização.

Mulheres empoderadas, em suas experiências de vida e lutas.

Fala sobre essência, resistência, pluralidade.

Fala sobre uma menina negra, periférica, pobre e sua primeira experiência na educação infantil aos 5 anos.

Fala do protagonismo dessa menina, que nos atravessou e que em um processo de metamorfose se tornou Julieta, voou borboleta.

Fala de um tempo passado e aponta para um futuro de experiências inclusivas, igualitárias, solidárias, multiculturais, humanas.” (Autorial)

Sempre fazemos escolhas de acordo com aquilo que nos afeta, aquilo que nos toca, que nos move, que se relaciona com nossas memórias. Ruth Rocha, consagrada autora infantojuvenil, fez e faz parte da nossa trajetória enquanto alunas e educadoras, atravessando a nossa infância e a nossa maturidade cronológica e profissional. Suas obras são fonte de inspiração, permeando o ambiente da Educação Infantil com poesia, ludicidade, empatia, temáticas sociais relevantes, dentre elas: inclusão e luta pelos

direitos das crianças e dos adolescentes. Na poesia “Os direitos das crianças” Rocha (2014) alerta:

*“[...]” Toda criança no mundo
deve ser bem protegida
contra os rigores do tempo
contra os rigores da vida (...)
(...) Não é questão de querer
não é questão de concordar
os direitos das crianças
todos tem que respeitar*

Os múltiplos atravessamentos da obra da autora, bem como os afetos produzidos em nós, favoreceram o planejamento e a realização de dinâmicas prazerosas, envolventes e aprendizagens significativas. Afetividade e aprendizagem, sobretudo, na Educação Infantil são indissociáveis. Concordando com Piaget quando afirma que:

A vida afetiva, como a vida intelectual, é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.
(Piaget, 1973)

O prazer da leitura e o prazer de lidar com as temáticas abordadas eram evidenciadas para as crianças na tonicidade da voz, nas expressões faciais e corporais e nos diversos recursos pedagógicos utilizados e propostos a elas. Para bell hooks o prazer do educar é um ato de resistência.

O prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem durante do aprender e do ensinar, diante da experiência em sala de aula (hooks, bell. 2017)

Nas asas da literatura infantil

A literatura Romeu e Julieta (Rocha, 2009) contribuiu para a tessitura do projeto pedagógico desde as nossas primeiras propostas de aprendizagens junto às crianças. Sendo a inspiração do subtítulo que atribuiu a identidade ao nosso grupo Grei 5A, *nas asas da literatura infantil*. Proporcionou uma identidade visual às ilustrações

da sala de aula, a capa das agendas das crianças e as fronhas dos travesseiros para o momento do descanso, promovendo afetos e pertencimento e construção de memórias.

Atravessou o ano letivo sobrevoando nossas ações até a culminância do projeto pedagógico, sendo a história escolhida a ser dramatizada pela sua estética, ludicidade e sobretudo diversidade, pertinência e identidade com o grupo de crianças e apreciada pelas famílias e pela comunidade escolar.

Resgatar essa experiência do ano de 2019 tem a ver com os afetos que ela nos provocou, com as aprendizagens e transformações enquanto educadoras e aprendizes. Compartilhar essa experiência com outros educadores é mantê-la viva e possibilitar que os leitores se afetem com ela e se inspirem. Assim como afirma Bondía, (2002) a experiência acontece em nós, a experiência nos acontece, nós vivemos, nos toca e ela é rara. Sendo assim, é válido compartilhar boas experiências.

Passados sete anos da nossa experiência com esse grupo de crianças nos reencontrarmos com *caderno de bordo* foi fundamental na escrita desse artigo, porque lá estão nossas impressões sobre aquilo vivenciamos, nossos registros sobre as reações das crianças em relação às nossas propostas e intervenções, sobre os afetos despertados em cada nova literatura apresentada, sobre as justificativas e objetivos para cada fio passado na tessitura do projeto de trabalho. Nossas falas, falas das crianças. Palavras, muitas palavras. Corroborando com Bondía, (2002) não pensamos por ideias, mas pensamos por palavras.

Registrar e refletir, essa dialética é inerente à prática docente, porque só quando o educador reflete sobre a sua prática consegue ressignificá-la e pesquisar novos caminhos, novas referências. Hooks, (2017) na sua busca de referenciais teóricos para a sua práxis encontra na obra Paulo Freire um caminho para compreender as limitações do tipo de educação baseada em modelos tradicionais que experimentava, como ir ao encontro de novas estratégias no processo ensino-aprendizagem, libertárias, objetivando autonomia do sujeito.

A diversidade de trabalhos a serem compartilhados com as literaturas para a infância da autora Ruth Rocha e as produções desenvolvidas com elas, foi oportunizada pela *birregência*. No município de Niterói as escolas de Educação Infantil de horário integral o trabalho é compartilhado por duas professoras, uma proposta pedagógica em parceria, colaborativa. As potencialidades e especializações de cada docente se somam, complementam e enriquecem os planejamentos e execução das ações junto às crianças e mitigam as demandas do binômio cuidar-educar. Atualmente, infelizmente, somente as turmas de crianças de até 03 anos a birregência se mantém.

Fomentar literaturas com abordagens de temáticas relevantes para a sociedade já na Educação Infantil aponta para uma educação com uma perspectiva para a cidadania e criticidade, conduzindo a criança a reflexão sobre ela mesma, sobre o meio que ela está inserida, sobre a sua família, sobre a sociedade, desconstruindo preconceitos e favorecendo o protagonismo infantil. A escola tem o papel de potencializar a criança nessa compreensão que a sua ação no mundo trará contribuições para ela e para as pessoas que com elas convivem.

Literaturas para a infância com reflexões inclusivas, antirracistas, decoloniais, multiculturais, possibilitam que a criança se perceba representada, respeitada, não só ela, mas a história da sua família, dos seus ancestrais. Segundo Chimamanda, (2009) em um dos seus relatos na transcrição do vídeo que viralizou no Youtube “O perigo de uma história única” refere-se a sua infância onde desde muito cedo demonstrava interesse e habilidade para leitura e todas as literaturas que tinha acesso às personagens tanto tinha a cor da pele diferente da dela, como seus hábitos e costumes socioculturais. Internalizou outras culturas sem perceber a princípio que não conseguia estabelecer relações de representação e/ou pertencimento, como, por exemplo, com os clássicos infantis europeus e americanos com seus príncipes e princesas, heróis e heroínas seguindo sempre o mesmo padrão de beleza.

A Lei Federal nº 10.639/2003, estabelece que: nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB-1996).

Mais de 20 anos se passaram nesse processo de se olhar o mundo por outras lentes, por outras perspectivas e contar histórias sem estereótipos configura-se ainda um desafio para todos nós, educadores. Porque, como afirma Chimamanda, (2009) muitas histórias importam.

Neste relato o protagonismo é atribuído a uma menina negra, de 5 anos de idade, que estreia na Educação Infantil, se encanta e nos encanta.

METODOLOGIA

Revisitando registros e memórias

Esse relato de experiência foi tecido puxando muitos fios: memórias afetivas, imersão nos documentos escolares produzidos no ano de 2019 no desenvolvimento do projeto pedagógico anual em uma unidade de Educação Infantil do município de Niterói: *O mundo encantado da literatura infantil*, ou seja, análise documental, sendo eles: relatórios individuais do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, ata do Conselho e Avaliação do Planejamento do Ciclo Infantil (CAPCI), o texto do projeto pedagógico anual da UMEI construído coletivamente pelos docentes e Equipe Técnico Pedagógico, caderno de bordo das professoras de referência do grupo de 5 anos e portfólio impresso e digital (publicações de fotos e vídeos regulares nas redes sociais da unidade escolar).

O projeto pedagógico anual é norteador das ações junto às crianças, embora haja autonomia e liberdade de construção e re-significação conforme os interesses, demandas, curiosidades e narrativas das crianças. Garantindo o protagonismo infantil e as especificidades de cada GREI. Segundo Hernández (1998) os projetos de trabalho configuram-se em uma concepção educacional que prima pela pesquisa e pela construção de conhecimentos significativos de forma compartilhada, objetivando ampliar o repertório das crianças num contexto de experiências.

Para tanto, o objetivo geral do projeto de leitura, daquele ano, era resgatar a arte de contar histórias para desenvolver o hábito da leitura, o despertar da imaginação e a promoção das múltiplas linguagens.

Cada uma das 6 turmas de crianças na unidade escolar, entre 2 e 5 anos, escolheram um autor brasileiro renomado para interagir com as suas produções literárias, como desencadeador das propostas de aprendizagens daquele ano. O grupo de 5 anos elegeu Ruth Rocha como a autora que perpassaria todo o processo ensino-aprendizagem. A aproximação com a autora partiu da sua biografia, ao mesmo tempo que a construção da identidade das crianças era construída: Quem sou eu?

Quem é Ruth Rocha?

Nasceu em São Paulo, no dia 02 de março de 1931. Completando 88 anos em 2019. Filha de Álvaro de Farias Machado e Esther de Sampaio Machado. Formada em Sociologia e Política na PUC - SP. Mãe de Mariana Rocha. Primeira obra publicada em 1976: Palavras, muitas palavras. É autora do best-seller: Marcelo, marmelo, martelo. Outras obras: Romeu e Julieta, O coelhinho que não era de Páscoa, Mil pássaros, Bom dia! Todas as cores, O amigo do rei, entre muitas outras. Foi eleita para a cadeira 38 da Academia Paulista de Letras, desde 25 de outubro de 2007. É uma importante escritora brasileira da literatura infantojuvenil. Brincadeiras de infância: ler livros e gibis

Grei 5 - Construção Coletiva

A biografia das crianças e professoras seguiu a mesma ordem de informações. Foram compartilhadas oralmente e expostas em um grande painel de identidade, diversidade e subjetividades individuais das crianças e do GREI, intitulado: **Eu sou o autor da minha história.**

Éramos três profissionais atuando junto ao grupo; duas professoras regentes (birregência) e uma professora de apoio especializado.

O grupo de referência de 5 anos compunha-se por dezoito crianças, a maioria delas desde os dois anos de idade, seguindo o ciclo da Educação Infantil na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI). Apenas ME. foi inserida ao grupo, sem experiência anterior, em espaços escolares.

O grupo apresentava muita riqueza de interações, trocas de aprendizagens, com grande diversidade étnica, socioeconômica, religiosa e cultural. Incluindo duas crianças com deficiência: uma criança com síndrome de down com autonomia e comunicação oral em desenvolvimento e uma criança autista nível três de suporte com múltiplas necessidades de adaptação tanto de horários, quanto metodológicos. Recursos didáticos, tempos e espaços de interação e ensino adequados às suas especificidades.

A literatura para a infância Romeu e Julieta inaugurou e arrematou a construção do projeto pedagógico. Se conectou, se entrelaçou com muitas outras histórias de Ruth Rocha, que colaboraram para a discussão sobre identidade, inclusão, diversidade, respeito, direitos, cidadania, empatia, afetos, dentre elas: “Marcelo, marmelo, martelo”, “A família de Marcelo”, “O coelhinho que não era de Páscoa”, “Tenho medo mas dou um jeito”, “As coisas que a gente fala”, “Vivinha, a

baleiazinha”, “O jacaré preguiçoso”, “Azul e lindo: planeta terra nossa casa”, “Os direitos das crianças”, “O amigo do rei”, “A primavera da lagarta” e “Quando eu for grande”.

Recursos de leitura e contação de histórias que atravessaram todas as literaturas selecionadas de Ruth Rocha possibilitaram diversificadas interações com os livros e representações de suas personagens tais como: avental ilustrado, teatro de varas, teatro de fantoches, oficinas de recicláveis, oficinas de culinária, dramatização, produções cênicas e com tecnologias digitais.

A culminância do projeto pedagógico, das nossas práticas, discussões e intervenções com a obra de Ruth Rocha, certamente foi a produção do espetáculo “Romeu e Julieta” para o evento que ocorre anualmente na unidade escolar *Mostra Cultural*.

ME. identificada assim para preservação da sua identidade, e sua inserção no espaço da Educação Infantil aos 5 anos, suas afeições com o trabalho pedagógico desenvolvido e com os atores que construíram com ela essa história, é a protagonista deste relato de experiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contando história

Romeu e Julieta, literatura para a infância (Rocha, 2009) é ambientada em um jardim, onde as personagens secundárias são flores, bichinhos de jardim e os protagonistas, borboletas. Neste jardim as borboletas tinham a restrição de sobrevoar e pousar somente no canteiro de suas cores. Orientação, que era transmitida pela tradição, dos mais velhos para os mais novos, de pais para filhos.

Borboletas-amarelas só interagiam no canteiro de flores amarelas, borboletas-azuis permaneciam no canteiro das flores azuis. A visão de mundo das borboletas se restringiam a sua cor, e cada canteiro tinha uma versão sobre a história dos demais canteiros de outras cores. Uma única visão, estereotipada. Segundo Chimamanda (2009) estereótipos são incompletos. Não necessariamente, são mentiras, mas versões incompletas criando uma história única.

"[...] Não muito tempo,

Não muito longe daqui

Havia um reino muito engraçado

Todas as coisas

Eram separadas pela cor:

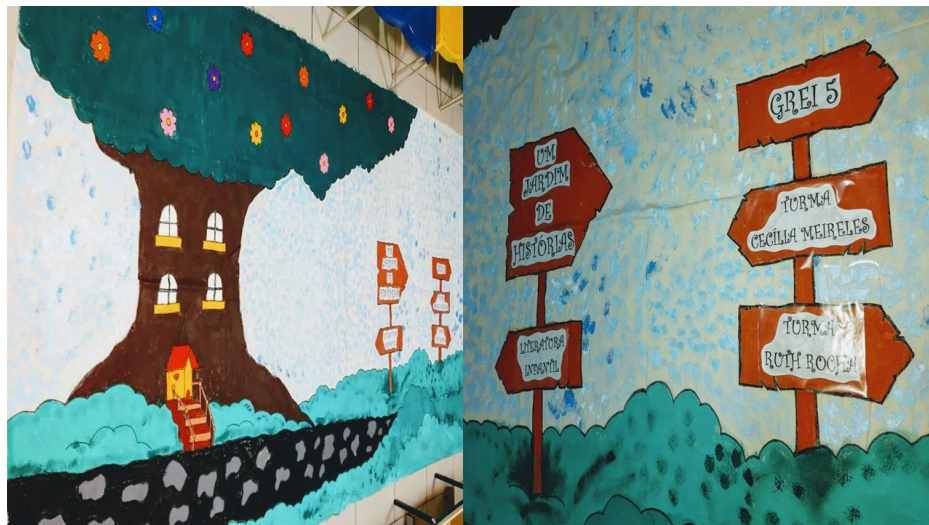
Branco, azul, amarelo, vermelho, Preto."

(ROCHA, 2009)

O medo pelo desconhecido, impedia encontros e amizades, e a trama se desenvolve provocando a discussão sobre o risco de uma história única, promovendo encontros e novas perspectivas, plurais e coloridas para aquele jardim segregado. Concordando com Chimamanda, (2009) Quando rejeitamos uma história única, reconquistamos um tipo de paraíso.

Em 2019, nós idealizamos um jardim de histórias.

Figura 1 - Cenário construído coletivamente



Fonte: A autora (2019)

Uma menina protagonista - negritude em um jardim de novas experiências

Figura 2 - Uma menina protagonista



Fonte: A autora (2019)

ME. se encantou com o mundo da leitura, desde os primeiros contatos com as literaturas para a infância, nos fazia lembrar de “O Menino que aprendeu a ver” de Ruth Rocha (2013). ME. se deslumbrava com a percepção das letras em todos os tipos de registros do ambiente escolar, sobretudo com as letras que compunham o seu nome. Com as possibilidades das leituras das palavras, da leitura do mundo.

“[...] O pai de João explicou:

-É que você está aprendendo a ver, João.

-Mas eu já sei ver desde pequenininho.

-Não meu filho, você agora está aprendendo a ver o que você está aprendendo a ler.”

(ROCHA, 2013)

Aprender a escrever o seu nome foi uma conquista comemorada com pulos e gargalhadas. Na inserção mal diferenciava rabiscos e letras e passou a ter orgulho do objeto que registrava suas novas experiências:

“Tia na minha casa tem caneta!”

Contar as experiências com ME. é falar sobre afetos. Afetar-se com os olhares, ações, reações, movimentos em direção a ou de alguém, provocações, mediações perpassadas pela humanidade, subjetividade, emoção.

ME. refletindo sobre o que mais gostava na professora Bárbara, na ocasião do seu aniversário falou: “Eu amo a tia Bárbara, porque ela é minha amiga!”

A primeira experiência de ME. na escola foi em 2019, no último ano do ciclo da Educação Infantil, com 5 anos.

ME. criança de uma família em situação de vulnerabilidade econômica, moradora de uma comunidade, com muitos irmãos, sendo ela a mais nova. Menina negra, de pequena estatura, mas potente em afetar aos outros com sua forma de ser e estar no mundo.

Marcou nossa trajetória de educadoras, nos tocando, nos atravessando, nos mobilizando, sensibilizando nosso olhar e a nossa escuta. Criando memórias e histórias que estamos eternizando nesse artigo.

A perspectiva de protagonismo das infâncias negras, prevê uma pedagogia de resistência, anticolonial. Hooks, (2017) defende a experiência de aprendizado como revolução.

Romeu e Julieta é um espetáculo

“Educar é um ato teatral” (bell hooks, 2017)

As produções realizadas pelos grupos de crianças ao longo do ano letivo são expostas em um evento promovido pela unidade de Educação Infantil. Na *Mostra Cultural* a comunidade escolar é convidada para visitar nossas exposições e assistir às apresentações artísticas com intencionalidades interativas e educativas, principalmente as famílias das crianças.

A cada ano a *Mostra Cultural* desfila com mais propriedade a diversidade, o multiculturalismo. Nossa gente, nossos povos, nossa ancestralidade, nossas cores, ritmos e sabores. Concordando com Candau, (2008) a sociedade é multicultural, é um fato, uma realidade do nosso continente.

A estreia

ME. chegou acompanhada pelos familiares, era perceptível a ansiedade, orgulho, alegria pelo momento protagonizado por ela. Seu par o Romeu, um menino de pele branca, muito talentoso e carismático, compartilhava de experiências similares às dela. A alegria também era nossa de compartilharmos os resultados do trabalho desenvolvido. Educadores e aprendizes. Sobre a alegria e atividade educativa ficamos com as palavras do mestre Paulo Freire:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos com a nossa alegria. (Freire, Paulo. p.72. 2007)

Outras crianças negras, como ela, faziam parte desse grupo, mas a escolha de ME. para a personagem, envolvia toda a metamorfose que vivenciou desde a inserção na UMEI. Crianças negras e pardas são maioria nas nossas unidades públicas de ensino, embora políticas públicas trate a população negra como minorias. Paradoxo, sem nenhuma neutralidade. Um mecanismo de manutenção de uma perspectiva monocultural, hegemônica.

Candau (2008) afirma que muitas são as propostas com o intuito de promover práticas educativas multiculturais com implicações no combate ao racismo, como os diversos modelos de preconceitos e manifestações de discriminação, objetivando o respeito e a

valorização da diversidade cultural. Práticas semelhantes às quais estamos compartilhando.

Chegara, enfim, o momento de ME. virar borboleta, de virar Julieta. Figurinos e cenários, preparados. Música, dança, ciranda: cultura popular.

O espetáculo foi um sucesso, mobilizando a atenção de todos, sensibilizando a comunidade escolar para as questões que permeiam nossas experiências individuais e coletivas. Diversidade, amizade, solidariedade, fraternidade.

“E juntas brincavam as borboletas

Todas as borboletinhas brincavam de roda e cantavam: “Se todas as borboletas do mundo pudessem, se dar as mãos teriam uma grande roda, uma grande roda em volta do mundo”

(Rocha, Ruth. 2009)

Figura 3 - Professoras e seus figurinos personalizados com ilustrações das crianças



Fonte: A autora (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a autora Ruth Rocha e boa parte de seus títulos infantis, foi muito significativo e prazeroso tanto para crianças, como para as professoras regentes. As crianças aprenderam muito com as temáticas das obras e com as discussões fomentadas. Decoraram fragmentos dos textos, se apropriaram das poesias e se identificaram com as personagens, ampliaram o vocabulário e o repertório de experiências com livros e a leitura, experiências de letramento.

Se encantaram sobretudo com Romeu e Julieta e com todos os eventos que antecederam a dramatização da história. Escolha das personagens, ensaios, confecção e montagem de cenários e figurinos. A arte e a participação de cada criança em cada etapa, em cada detalhe.

A escolha das personagens para o teatro, principalmente das personagens protagonistas, Romeu e Julieta, mobilizou as crianças em relação à afetividade e às possibilidades de inclusão e representatividade. Despertou a compreensão de grupo, de pertencimento, de habilidades individuais e coletivas. Como também a compreensão de que todos são importantes,

desempenhando papéis, sendo eles, principais ou secundários, que a história só pode ser contada com a participação e envolvimento de todos. E que como é especial, quando oportunizamos o protagonismo dos amigos e nos alegramos por eles e com eles.

ME., nossa menina protagonista, que chegou ao grupo quando os laços de amizade já estavam estabelecidos entre as crianças por estarem juntas desde o início do ciclo da Educação Infantil, gradualmente foi conquistando o seu espaço, crescendo em confiança, em autoestima, construindo uma relação de afetividade a princípio com as professoras, se estendendo às crianças de forma mais intensa nos ensaios para a dramatização. Durante os ensaios, os olhares se voltavam para os voos da borboleta Julieta e seu amigo Romeu. Para a interpretação e alegria do casal, da beleza étnico-racial.

Romeu e Julieta, com poesia, cores, alegria e delicadezas, abordou temáticas urgentes e pertinentes. Fomentando a discussão com o grupo de crianças sobre preconceitos, sobre o risco de uma história única: contada sobre uma única perspectiva ou de um mesmo lugar. Nos convidou a ampliar nosso voo sobre as histórias, as muitas histórias, que podem, devem e merecem ser contadas.

Nos moveu, nos ensinou, nos afetou e provocou afetos, construiu memórias, recriou histórias, nos fez esperar...

O *esperançar* (Freire, 1992) nos convida a acreditar no sonho de uma menina pobre e negra em ser médica e curar. “Tia, quando eu crescer, quero ser médica!”

Que ME. encontre encorajamento nos próximos educadores que por ela atravessar. Como afirma Freire (1992):

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (Freire, Paulo 1992)

Figura 4 - Saia da professora Bárbara ilustrada pela crianças inspiradas na história Romeu e Julieta de Ruth Rocha



Fonte: A autora (2019)

Produto final disponível em: [Romeu e Julieta - Teatro Infantil - Ruth Rocha](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União:

seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL, **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, departamento de linguística, 2002

CANDAU, V. M. **Multiculturalismo, Educação e Direitos humanos**. In: CANDAU, V. M. ; SACAVINO, S. (Orgs.). “Educação em direitos humanos: temas, questões e propostas”. Rio de Janeiro: DP & ALLI, 2008.

CHIMAMANDA, Ngozi. **“O perigo de uma história única”**. Cia das Letras.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** 2 ed. Ed. Martins Fontes, 2017. (Introdução e cap. 1, 2, 3 e 4).

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento.** Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

ROCHA, R. **Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha.** 2 ed. São Paulo: Salamandra, 2014.

ROCHA, R. **Romeu e Julieta.** 1 ed. São Paulo: Salamandra, 2009.

ROCHA, R. **O menino que aprendeu a ver.** Ruth Rocha. 8 ed. São Paulo: Salamandra, 2013

PORTFÓLIO DIGITAL

APÊNDICE



BARBARA VALENTE DA CUNHA

Nascida em 03 de dezembro de 1975, no município do Rio de Janeiro-RJ. Completará 44 anos em 2019. Filha de Benedito Moraes Valente e Sueli Guimarães valente. Moradora do bairro do Camarão em São Gonçalo. Casada e mãe de dois filhos.


Formada em Pedagogia pela UFF e pós graduada em Educação Infantil e Alfabetização pela UCAM.

Professora da UMEI Professor Irio Molinari.
Grei 5B.
Turma Ruth Rocha

Brincadeiras de infância: Pular elástico, jogar queimado, colecionar papéis de carta, bonecas e secretária.

Barbara Valente da Cunha

Bárbara Valente da Cunha



BIANCA DE CASTRO LIRA

Nascida em 15 de junho de 1973, no município de Rio de Janeiro-RJ. Completará 46 anos em 2019. Filha de Eduardo Lira e Lúcia Lira. Moradora de Manilha-Itaboraí. Casada. Mãe de um casal de filhos gêmeos.

Formada em História pela Universidade Salgado de Oliveira e Pedagogia pela UERJ. Pós graduação em Educação Especial, Gestão escolar e Orientação Educacional.

Professora da UMEI Professor Irio Molinari.
Grei 5B.
Turma Ruth Rocha

Brincadeiras de infância: Amarelinha, pular corda, Pique-esconde e cabelereira.

Bianca de Castro Lira

Bianca de Castro Lira



KELLY REIS MARTINS DA FONSECA

Nascida em 27 de fevereiro de 1987, no município do Rio de Janeiro. Completou 32 anos em 2019. Filha de José Paulo Martins da Fonseca e Sandra Helena da Fonseca. Moradora de Duque de Caxias, Bairro São Bento.

Formada em Pedagogia pela UERJ e pós graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada AVM.

Professora de apoio especializado da UMEI Professor Irio Molinari.
Grei 5B.
Turma Ruth Rocha

Brincadeiras de infância: Pular elástico e corda e Seu mestre mandou!

Kelly Reis Martins da Fonseca

Kelly Reis Martins da Fonseca

¹ Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação. Professora da infância na Rede Municipal de Educação de Niterói há 25 anos.